

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Tarde (S.P.)

Class.: 119

Data: 2 de Dezembro de 1985

Pg.: _____

190 O cacique, os índios e a cultura brasileira.

J. O. de Meira Penna

O cacique Juruna e os índios brasileiros estão na ordem do dia. Senão no Brasil, pelo menos na Europa. A consciência moral do mundo parece debruçar-se com um coração sangrando e olhos marejados de lágrimas de crocodilo, ao contemplar a triste sorte de nossos nudistas. As presentes considerações vêm ao caso, após o choque cultural que ressentimos ao ensejo da "Nova República". O que é interessante é notar a persistência do sucesso de autores românticos em nosso meio atual de um romantismo doce-amargo como num prato chinês, apimentado de ímpeto de protesto social esquerdizante e populista, contestador, antielitista ou francamente revolucionário. A mística da Esquerda! Um bom exemplo é o de Antônio Callado, sem dúvida um dos bons escritores mais em evidência no momento. Em seu "Concerto Carioca" (1985), brinda-nos com uma versão moderna do choque entre o Bom Selvagem e o burocrata civilizado. O índio Jaci representa o homem natural, o homem autêntico da tradição rousseauiana que saiu bom e puro das mãos da Natureza, mas se corrompe e morre ao contacto fatal da civilização moderna. Em termos românticos característicos de paixão, amor, sangue e morte, Callado vocifera o tema arquetípico do mito do Bom Selvagem. Obviamente, o tema está na moda. É imensamente atual depois da eleição de Juruna para o Congresso, das invasões e conflitos entre índios, posseiros e jagunços, e da emergência dos antigos "selvagens" como expressivos hippies protestários e contestários, usando frequentemente dos meios atualíssimos de pressão.

O cinema tem igualmente rebatido no tema, o que prova a sua popularidade. Dois exemplos de alta qualidade foram o "Greystoke Tarzan" e o "A Floresta Esmeralda", do diretor M. Boorman. Neste último, a ecologia entra de cambalhada e assistimos ao confronto entre o Bom Selvagem e a perversa construção da barragem de Tucuruí... A colonização da Amazônia obviamente desperta os protestos apaixonados de todos os "verdes", romanticamente envolvidos com a preservação da selva virgem edênica num "Jardim antropológico" de selvagens adamicos, facilmente acessível aos antropólogos: o Paraíso Perdido é um mito que não facilmente desaparece...

O fato é que o choque cultural é aquele que sofre nosso país, provavelmente pela última vez, ao deparar-se com o problema de sua população nativa. Durante quase 200 anos — na verdade desde o fim do ciclo das Bandeiras — o índio pouco afetou nossa consciência nacional. Os românticos do século passado criaram uma literatura indigenista tão afastada da realidade quanto prementes eram então os problemas da Abolição e da imigração européia. Índios, só os havia, próximos, nos romances chateaubrianescos de José de Alencar, nas óperas verdianas de Carlos Gomes e nas eructações pseudonacionalistas — num período de graves dúvidas quanto à nossa viabilidade como Nação — que levaram algumas famílias a escolher patronímicos como Potiguar, Tabajara, Tamoió e mesmo Índio do Brasil. Os modernistas de 1922 tiveram uma intuição mais segura do que estava prestes a ocorrer quando Oswald de Andrade propôs sarcasticamente a fór-

mula hamletiana tupi or not tupi, para exprimir as perplexidades de nossa cultura em momento decisivo. Surgiu a "antropofagia" como uma piada de boêmios paulistas.

Hoje, a situação é diferente. Não parece estarmos perfeitamente cômicos do fato de que o Brasil deu início, graças à construção de Brasília, à irreversível ocupação de todo seu território, o que anuncia o dobre dos tupiniquins. A Marcha para Oeste, anunciada nas grandiloquentes proclamações getulianas e integralistas, foi deslançada por Juscelino quando a Brasília se seguiu a construção das grandes estradas de penetração. A conquista do Far-West da epopéia norte-americana é repetida por nós — só que com a diferença de que a primeira criou a figura do "mocinho", herói do caráter e inimigo dos índios, enquanto a nossa é feita com não pequena má consciência.

Mas, no fundo, com toda sua violência e a contrapropaganda indignada dos fariseus e filisteus da Europa, o avanço aqui é menos impiedoso do que foi ali, e, por mais dramáticas que sejam as condições da conquista, devemos apreciá-la com maior dose de serenidade do que o fazem o Tribunal Russell e os liberais fanáticos, com seu masoquismo ingênito. A situação já é em si suficientemente triste para que não se exagere. Afinal de contas, o cacique Juruna não se pode comparar ao chief Sitting-Bull que, há cem anos, massacrrou Custer e 267 de seus soldados na batalha de Little Bighorn. Juruna é homem de paz. Merece não somente comparecer perante o Tribunal Russell mas talvez mesmo o Prêmio Nobel. Ele não é tão absurdo quanto o filósofo que, em 1948, com sua lógica matemática positivista, sugeriu, em ataque atômico devastador contra a URSS e, dez anos depois, lançou a fórmula imbecil "mais vale ser vermelho do que morto" (better red than dead). Juruna, ao contrário de Sean McBride, presidente da Amnesty e um dos agraciados pelo comitê de Oslo, nunca usou os produtos químicos inventados por Alfred Nobel para fazer voar pelos ares seus adversários brancos — apenas algumas flechas inofensivas e um mísero tacape...

Já que nosso verdadeiro herói do caráter, o general Rondon (mais legítimo representante desta terra do que Juruna, que é só índio, ou de qualquer um de nós, que somos só brancos), não mereceu o prêmio, não obstante sua sublime divisa "morrer se necessário, matar nunca", talvez Juruna satisfaça. E, nesta nossa época de loucura e burrice universais, proponho seu nome para o famoso galardão!

Pois o fato é que ensaios insólitos de glorificação de Juruna e seus contemporâneos se registram aqui e ali, em nossa sociedade contemporânea. Não é só que as gatinhas de Ipanema imitam os trajes das curuminhas de Mato Grosso. É que toda nossa inteligência, desprovida da própria, se dedica agora à exaltação tão irrealista quanto ridícula do indígena, como se a conquista do Oeste longínquo devesse ser acompanhada, não de uma proteção da vida do índio, mas de uma redução geral e paralela de nossa cultura à Idade da Pedra. Quais as origens intelectuais dessa postura?